

O estatuto dos sintagmas posposicionais em Tenetehára

(Tupí-Guaraní)

The status of the postpositional phrases in Tenetehára

(Tupí-Guaraní)¹

Ricardo Campos Castro²

DOI 10.26512/rbla.v11i02.28454

Recebido em dezembro/2019 e aceito em dezembro/2019

Resumo

O objetivo deste artigo é oferecer um tratamento teórico acerca da morfologia relacional de contiguidade que emerge no interior dos PPs em Tenetehára (Tupí-Guaraní). Evidenciarei o pressuposto teórico (cf. Kayne 1994) de que há apenas uma ordem básica dos constituintes nas línguas naturais, a saber: SVO. Assim, as outras ordens são alcançadas por meio de movimento. A partir desta premissa, as preposições seguem a ordem básica – núcleo-complemento – e as posposições são o resultado de uma ordem derivada. Ademais, demonstrarei o mecanismo de checagem de traços formais de Chomsky (1995). Finalmente, apresentarei minha hipótese sobre o modo como opera o mecanismo de checagem de traços que resulta em movimentos sintáticos e acionamento da morfologia relacional de contiguidade no interior dos PPs em Tenetehára. Em suma, defendo que a flexão relacional emerge como corolário da relação Spec-Head estabelecida em um sintagma acima do PP provisoriamente denominado KP.

Palavras-chave: Tupí-Guaraní, Tenetehára, Adposições, Concordância, Checagem de Traços.

Abstract

The aim of this paper is to provide a theoretical treatment of the relational contiguity morphology that emerges within the PPs in Tenetehára (Tupí-Guaraní). I will highlight the theoretical assumption (cf. Kayne 1994) that there is only one basic order of constituents in natural languages, namely: SVO. Thus, the other orders are achieved by moving. From this premise, prepositions follow the basic order – head-complement – and the postpositions are the result of a derived order. In addition, I will demonstrate Chomsky's (1995) formal feature checking mechanism. Finally, I will present my hypothesis about how the feature-

checking mechanism operates that results in syntactic movements and triggering of the relational contiguity morphology within the Tenetehára PPs. In short, I argue that relational flexion emerges as a corollary of the Spec-Head relation established in a phrase above PP provisionally called KP.

Keywords: Tupí-Guaraní, Tenetehára, Adpositions, Agreement, Feature Checking.

1. Introdução

Na língua Tenetehára, diferentemente do que ocorre em línguas românicas, emerge na adposição uma morfologia relacional cuja função gramatical será investigada neste artigo. Em termos descritivos, de acordo com Duarte (2007), os prefixos $\{\emptyset- \sim r-\}$ indicam a contiguidade do complemento em relação ao seu predicador, enquanto os prefixos $\{i- \sim h-\}$ indicam a não contiguidade desse complemento. Adicionalmente, observa-se o seguinte padrão: (i) as posposições que se iniciam com consoante recebem os prefixos $\{\emptyset- \sim i-\}$ e (ii) as posposições que começam com vogal engatilham os prefixos $\{r- \sim h-\}$.

É importante destacar que a expressão “prefixos relacionais” advém do termo “prefixo de relação”, proposto inicialmente por Rodrigues (1953, p. 124), o qual já havia capturado a função relacional que determinados núcleos estabelecem com seus complementos em Tupinambá. Cito ainda, Cabral (2001) e Rodrigues (2011) como importantes referências acerca do assunto. A fim de fornecer uma visão sinóptica desses afixos, apresento, a partir de Castro (2017), Camargos (2017) e Duarte (2007), o Quadro 1.

Quadro 1: Prefixos Relacionais

Contiguidade ao complemento	Raiz iniciada em consoante	Raiz iniciada em vogal
✓	$\emptyset-$	$r-$
*	$i-$	$h-$

Nos exemplos³ (1) e (2), os padrões descritos no Quadro 1 podem ser observados. Note que, em (1), a posposição *upi* “em” – que se inicia por vogal – recebe os morfemas $\{r-\}$ e $\{h-\}$, os quais se distribuem em função da contiguidade ou não contiguidade em relação a seu complemento, de forma respectiva. Contudo, nos dados em (2), os prefixos $\{\emptyset-\}$ e $\{i-\}$ coocorrem com a adposição *pupe* “dentro” – iniciada por consoante – exibindo os ambientes de contiguidade e não contiguidade, nesta ordem.

3 Glosas: 1: primeira pessoa; 2: segunda pessoa; 3: terceira pessoa; C: prefixo que marca contiguidade do complemento; DIST: distal; DU: número dual (dual number); FF: forma fonética; LF: forma lógica (logical form); ITER: iterativo; NC: prefixo que marca não contiguidade do complemento; PL: plural; POSS: possessivo; SBJ: sujeito (subject); SG: singular.

- (1a) *ere-(e)xak* *kwaharer* *ka'a* *r-upi* *ne*
 2SG-ver menino mata C-em 2SG
 “Você vê o menino na mata”
- (1b) *ere-(e)xak* *kwaharer* *h-upi* *ne*
 2SG-ver menino NC-em 2SG
 “Você vê o menino nela (na mata)”
- (2a) *u-zapo awa* *kyhaw* *tâpuz* *ø-pupe* *a'e*
 3-fazer homem rede casa C-dentro 3SG
 “O homem faz rede dentro de casa”
- (2b) *u-zapo awa* *kyhaw* *i-pupe* *a'e*
 3-fazer homem rede NC-dentro 3SG
 “O homem faz rede dentro dela (da casa)”

A seguir, forneço em (3) e (4) exemplos com mais dois tipos de posposições. Contudo, o padrão de variação morfológica posposicional se mantém, conforme os exemplos (1) e (2), o que corrobora as assunções do Quadro 1.

- (3a) *u-zar* *awa* *ita* *r-ehe* *a'e*
 3-encostar homem pedra C-em 3SG
 “O homem encosta na pedra”
- (3b) *u-zar* *awa* *h-ehe* *a'e*
 3-encostar homem NC-em 3SG
 “O homem encosta nela (na pedra)”
- (4a) *u-hem* *Hikar* *taw* *ø-pe* *a'e*
 3-chegar Ricardo aldeia C-em 3SG
 “O Hikar chega na aldeia”
- (4b) *u-hem* *Hikar* *i-pe* *a'e*
 3-chegar Ricardo NC-em 3SG
 “O Hikar chega nela (na aldeia)”

Nos exemplos em (3a), a posposição iniciada por vogal *ehe* “em” recebe o morfema {*r-*} codificando adjacência do DP *ita* “pedra”; contudo, em (3b), emerge o morfema {*h-*}, uma vez que não existe contiguidade do seu complemento. Ademais, nos dados em (4), são acionados os prefixos {*ø-*} e {*i-*} prefixadas à posposição *pe* “em”, codificando contiguidade e não contiguidade, respectivamente.

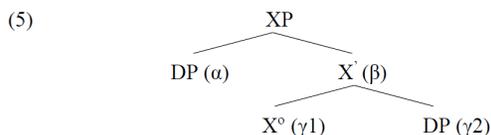
Este artigo está organizado em quatro seções. Na primeira seção, apresento esta introdução. Na segunda seção, descrevo, de acordo com Kayne (1994), o pressuposto teórico de que há apenas uma ordem básica dos constituintes nas línguas naturais, a saber: SVO. Assim, as outras ordens são alcançadas por

meio de movimento de constituintes. A partir desta premissa, as preposições seguem a ordem básica, núcleo-complemento, e as posposições são o resultado de uma ordem derivada com o movimento do seu complemento para uma posição acima do núcleo. Na terceira seção, apresento, de forma sucinta, como ocorre o mecanismo de checagem de traços formais de acordo com Chomsky (1995, 1999, 2000, 2001, 2005). Adicionalmente, teço considerações acerca da flexão relacional que emerge como subproduto da relação sintática estabelecida entre o núcleo K° e o complemento movido para a posição Spec-KP. Além disso, apresento minha hipótese sobre o modo como opera o mecanismo de checagem de traços que resulta em movimentos sintáticos e o acionamento da morfologia relacional de contiguidade no interior de sintagmas posposicionais em Tenetehára⁴. Por fim, na quarta seção, desenvolvo as considerações finais deste artigo. Início, então, com as premissas de Kayne (1994) a respeito da ordem básica de constituintes.

2. Ordem de constituintes e concordância

Para Kayne (1994), há apenas uma ordem básica dos constituintes, a saber: [especificador [núcleo complemento]]. Esta ordem supõe a existência de uma assimetria, na qual o especificador e o complemento estão em lados opostos.

Trata-se do Axioma da Correspondência Linear (*Linear Correspondence Axiom*), doravante LCA. Segundo essa premissa, a ordem linear de uma sequência de itens lexicais em LF é definida pelo c-comando assimétrico. Esta assimetria fica constatada na configuração abaixo, tendo em vista que elementos à esquerda (α) estão em posição assimétrica em relação aos termos com os quais se concatenam (γ_1 e γ_2). Mais especificamente, α c-comanda γ_1 e γ_2 mas γ_1 e γ_2 não c-comandam α ⁵. Assim, o núcleo seleciona diretamente seu complemento, que é projetado à sua direita, enquanto seleciona indiretamente seu especificador, o qual é instanciado à esquerda, conforme pode ser visto na estrutura sintagmática abstrata a seguir:



Nesta linha de investigação, o LCA prevê que todas as línguas dispõem da mesma ordem básica SVO, e que ordens diferentes dessa são o corolário do

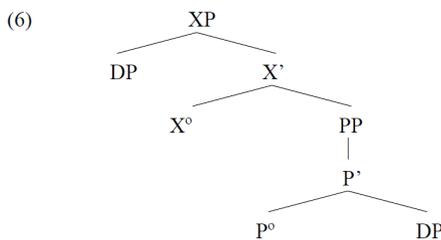
4 Neste artigo, não examino como se realiza o acionamento da morfologia relacional de não contiguidade do complemento no interior de sintagmas posposicionais em Tenetehára. Em trabalhos futuros, analisarei a morfologia engatilhada nestes ambientes.

5 O comando simétrico é estabelecido entre α e β , já que estão numa relação de irmandade. Ou seja, estando no mesmo nível hierárquico, estes nódulos se c-comandam mutuamente.

movimento de objetos sintáticos. Silva Filho (2018: 120) afirma que “quando essa ordem universal SVO não é aquela realizada em FF, o LCA mapeia os marcadores frasais de modo a determinar a ordem linear dos itens que aparecem em FF deslocados de sua posição de base”.

Destarte, Kayne (1994) considera ainda ser pouco provável a existência de categorias sintagmáticas cujas ordens de base sejam diferentes de SVO. Nesta perspectiva, ele assevera que as ordens VSO, VOS, SOV, OVS e OSV são alcançadas porque as línguas permitem que seus constituintes possam ser deslocados, de modo a alterar a ordem básica. Desta maneira, “línguas (ou partes de línguas) em que algum complemento precede o núcleo associado devem necessariamente ter movido esse complemento para a esquerda do núcleo em alguma posição de especificador”⁶ (Kayne 1994:47).

Nesse sentido, PPs também seguem a ordem núcleo-complemento. Logo, em uma língua com preposições, ocorrem estruturas semelhantes à configuração (6) abaixo em que P^o é pronunciado antes de seu complemento.



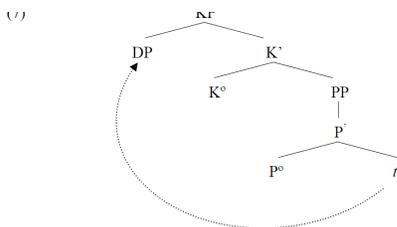
Contudo, em uma língua em que figurem posposições, a derivação deve se iniciar da mesma forma; mas, para alcançar a ordem com núcleo final é necessário o movimento do complemento para uma posição mais alta na estrutura sintagmática com o intuito de derivar a ordem especificador-núcleo. Nesse sentido, o autor afirma que “posposições devem ser derivadas movendo-se o complemento da adposição para a posição de especificador dessa adposição (ou de um núcleo funcional mais alto associada a ela) (Kayne 1994:47-48)⁷”.

Adicionalmente, conforme Kayne (1994), tanto em VPs quanto em PPs, é na relação Spec-Head que as concordâncias são estabelecidas. Por isso, é muito comum em línguas com adposições como núcleo final ocorrer concordância entre P^o e seu complemento. Isso gera uma regra na qual uma posposição só pode concordar com o seu complemento se este for movido para uma posição de especificador em um núcleo localizado acima do PP, o qual rotulo

6 “Languages (or subparts of languages) in which some complement precedes the associated head must necessarily have moved that complement leftward past the head into some specifier position” (Kayne 1994:47).

7 “postpositions must be derived by moving the complement of the adposition into the specifier position of that adposition (or of a higher functional head associated with it)” (Kayne 1994:47-48).

provisoriamente de KP, conforme a seguinte representação:



Kayne (1994) assevera que, na língua Navajo⁸, há concordância obrigatória entre as posposições e o seu complemento. O autor não apresenta exemplos, contudo, de fato, os dados a seguir, retirados de Young e Morgan (1980) e Mithun (2017), corroboram esta afirmação.

- (8) *shighan bi-ch ʔi yshááł*
 minha.casa ela-em.direção.a eu.andando
 “Eu estou andando em direção à minha casa” (Young e Morgan 1980, p. 81)

- (9) *yaateel bi-káá ná-da-ʔiid-l-wosh*
 pele.de.carneiro ele-em repetidamente-DIST-algo-1DU-SBJ-dormir.ITER
 “Nós dormimos em pele de carneiro” (Mithun 2017, p. 47)

Note, nos exemplos em (8) e (9), os predicados verbais intransitivos, *yshááł* “eu (estou) andando” e *náda ʔiidlwosh* “nós dormimos”, e os PPs, *shighan bich ʔi* “em direção à minha casa” e *yaateel bikáá* “em pele de carneiro”, respectivamente. Observe que o morfema *bi* “ela/ele” ocorre no núcleo dos sintagmas posposicionais e concorda com seus complementos *shighan* “minha casa”, em (8), e *yaateel* “pele de carneiro”, no exemplo em (9).

Outra língua que também exhibe a concordância entre a posposição e o DP que ela seleciona é o húngaro, conforme revelam os seguintes dados de Hornstein, Nunes e Grohmann (2005:124).

- (10a) *én-mögött-em*
 eu-atrás-POSS.1SG
 “Atrás de mim”

- (10b) *te-mögött-ed*
 tu-atrás-POSS.2SG
 “Atrás de você”

- (10c) *mi-mögött-ünk*
 nós-atrás-POSS.1PL
 “Atrás de nós”

⁸ Língua indígena americana falada nos Estados Unidos e México.

(10d) *ti-mögött-etek*
 vocês-atrás-POSS.2PL
 “Atrás de vocês”
 (Hornstein, Nunes e Grohmann 2005:124)

Como se pode observar nos dados em (10), existe uma morfologia visível que reflete a concordância entre a posposição *mögött* “atrás” e o DP que ela seleciona. Considerando estas assunções iniciais e levando-se em conta o mecanismo padrão de *Agree* (cf. Chomsky 1995, 2000, 2001, 2005), tenho como objetivo propor como ocorre a derivação que resulta na ordem linear [especificador-núcleo], em que o núcleo do PP figura em posição de núcleo final. Na próxima seção, o objetivo é investigar como atua a checagem de traços conforme fora estabelecido por Chomsky (1995).

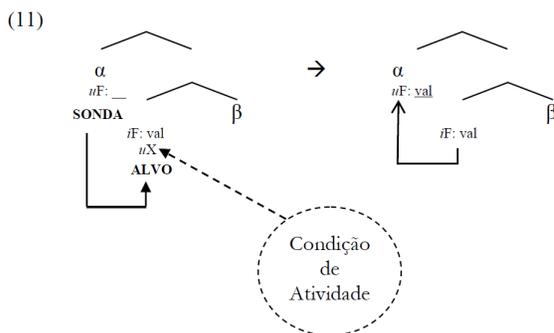
3. Checagem de Traços – Chomsky (1995)

De acordo com a teoria de *Agree* (cf. Chomsky 1995, 2000, 2001, 2005), a operação de movimento tem a função de checar traços, motivando o deslocamento de constituintes a partir de uma posição de base para uma posição derivada. Destarte, verbos se movem para posições de núcleos, ao passo que DPs se deslocam para posições de especificadores de categorias funcionais. A diferença entre as línguas se deve ao fato de que esses movimentos podem ocorrer antes ou depois do *spell-out*. Este termo, de acordo com Kenedy (2013:130), refere-se a uma bifurcação no curso da derivação sintática, uma espécie de fronteira divisória entre as divisões da forma fonológica e a LF.

A partir do Programa Minimalista (CHOMSKY 1995), o acionamento de parâmetros ao longo do processo de aquisição é concebido em termos de seleção de traços advindos do léxico. Tais traços podem ser de duas naturezas distintas, a saber: os interpretáveis (semânticos) e o não interpretáveis (formais). Os últimos apresentam funcionalidade tanto na derivação sintática quanto no nível de interface com o componente fonológico; contudo, eles não operam em LF, na interface com o componente semântico. Uma vez que o sistema computacional que opera sobre os traços os reconhece como objetos não interpretáveis nesta interface, ele os apaga em um ponto anterior à derivação atingir a LF.

Ademais, para que o sistema da língua seja considerado ótimo, faz-se necessário que operações como *Move* e *Agree* sejam motivadas, visando atender a condições de legibilidade do sistema sensorio-motor. Assim, a motivação para *Agree* é formalizada da seguinte maneira: uma relação de concordância é estabelecida entre α e β . O primeiro possui traços formais não interpretáveis, os quais devem ser apagados/valorados; e o segundo porta traços formais interpretáveis valorados. Mais especificamente, um traço não interpretável e não valorado [uF : ___] atua como uma sonda (*probe*) buscando um alvo (*goal*), que possui um traço interpretável valorado [iF : *val*]. Um alvo que porte um

traço adicional não interpretável pode apagar/valorar este traço por meio de seu deslocamento para uma posição no domínio mínimo da sonda. Conectado a isso, o alvo precisa ser dotado de um traço de Caso estrutural (não interpretável, conforme *uX* abaixo) que o torne ativo (*Activity Condition* - Condição de Atividade) para participar da relação sonda-alvo e possíveis movimentos ulteriores, conforme as seguintes configurações⁹ abstratas:



Adicionalmente, o EPP (*Extended Projection Principle*) e o Caso estrutural atuam de forma conjunta. Assim, o EPP determina a projeção da posição de especificador que irá abrigar o elemento movido e a existência do traço de Caso estrutural (não interpretável) torna esse elemento ativo para a relação sonda-alvo e movimentos subsequentes, como já dito.

Chomsky (1999 e trabalhos posteriores) afirma que relações de concordância podem ser estabelecidas sem necessidade de movimento. Os traços não interpretáveis de número, pessoa e gênero (chamados traços- ϕ) e os traços de Caso estrutural (tais como o nominativo) podem ser valorados/apagados *in situ*. Nesse sentido, torna-se desnecessário o movimento do alvo (*goal*) para a posição de especificador de uma sonda (*probe*).

Nesta linha de investigação, o princípio denominado Procrastinar (*Procrastinate*, cf. Chomsky 1995) implica que um constituinte só se desloca se houver uma motivação. Mais especificamente, esta é uma regra de economia que prediz que movimentos de constituintes devem ocorrer o mais tarde possível, de preferência depois de *Spell-out* (i.e. na sintaxe encoberta). Contudo, de acordo com o autor, “a força de um traço é um dos elementos da variação linguística: um traço formal pode ser forte ou não, obrigando no primeiro caso ao movimento visível, em violação de Procrastinar”¹⁰ (Chomsky 1995:232).

9 Legenda dos símbolos utilizados na configuração em (12) bem como no restante deste artigo. *iF:val* (traço interpretável e lexicalmente valorado); *uF:* (traço não interpretável e não valorado); *uF: val* (traço não interpretável e valorado na sintaxe); ~~*uF: val*~~ (traço não interpretável, valorado na sintaxe e deletado (Princípio da Interpretação Plena, Chomsky 1995)).

10 “feature strength is one element of language variation: a formal feature may or may not

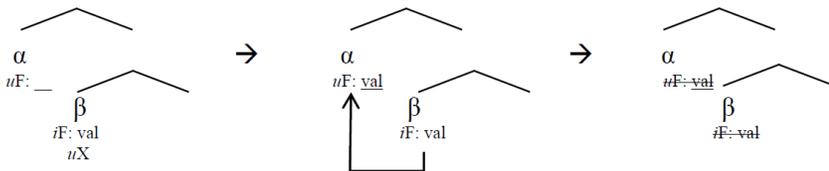
No modelo gerativo mais recente, apenas o EPP tem a capacidade de forçar um movimento, obrigando a projeção de uma posição de especificador necessária, a qual irá ser o local de pouso para que um elemento possa checar seus traços não interpretáveis.

Detalhando ainda mais a operação sintática *Agree*, nos termos de Chomsky (1995, 2000, 2001, 2005), a relação Spec-Head é considerada uma relação entre uma sonda e um alvo, *Downward Agree* (Concordância para Baixo). Essa concordância ocorre junto com um movimento engatilhado por um traço [EPP] independente no núcleo da sonda, a qual, carregando algum traço não interpretável e não valorado, procura em seu domínio de c-comando por um alvo que carrega um traço formal combinante interpretável e valorado. O traço combinante é uma exigência para que sonda e alvo possam ser legíveis para uma potencial relação de *Agree*. Ademais, reitera-se que o alvo mais baixo deve ser equipado com um traço não interpretável adicional, a Condição de Atividade, que irá ser checado/valorado com o núcleo mais alto como um efeito colateral de *Downward Agree*. O traço interpretável e valorado no alvo checa o traço não interpretável na sonda para valorá-lo. A checagem de traços é uma condição necessária para a deleção de traços formais não interpretáveis, uma vez que estes devem ser deletados no nível de LF. Cada traço não interpretável deve ser checado e valorado por meio da operação *Agree* no curso da derivação. Destarte, a versão padrão de *Agree* é definida em (12) e implementada de forma ilustrativa em (13).

Agree

- (12) α pode estabelecer uma relação de *Agree* com β se e somente se α carrega pelo menos um traço não valorado e não interpretável e β carrega um traço interpretável combinante valorado; α c-comanda β ; β é o alvo mais próximo para α ; β possui um traço adicional não valorado e não interpretável (Condição de Atividade).

(13)



Na próxima subseção, apresento minha proposta de como submeter o quadro teórico delineado acima à língua Tenetehára.

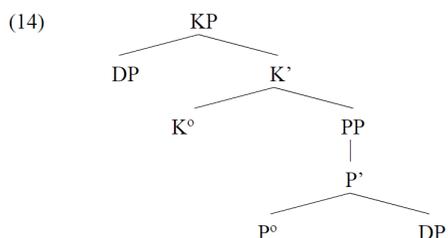
be strong, forcing over movement that violate Procrastinate” (Chomsky 1995:232).

4. Aplicações teóricas

Tendo em conta a teoria sintática assumida acima, o intuito é explicar como se dão as operações sintáticas que geram a ordem com núcleo final no âmbito dos sintagmas posposicionais nos contextos de contiguidade em Tenetehára.

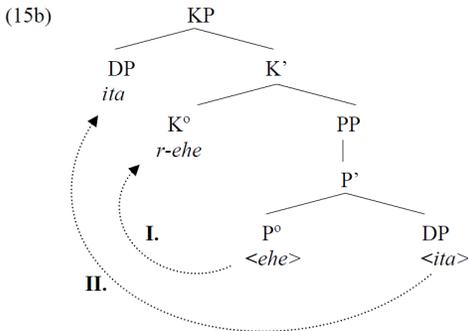
Base Universal, c-comando assimétrico e Agree

Considerando a hipótese de base universal, o c-comando assimétrico e o mecanismo *Agree*, assumirei, doravante, que o acionamento da flexão relacional no interior dos sintagmas posposicionais na língua Tenetehára é reflexo da relação sintática de transmissão de Caso oblíquo que se estabelece entre o complemento e o núcleo do sintagma posposicional. Essa hipótese se fundamenta no fato de que a estrutura dos sintagmas posposicionais obedece ao mesmo princípio de checagem de traços formais que se dá no domínio funcional de outras categorias. Neste sentido, assumirei que, assim como o sujeito se eleva para a posição de especificador de TP a fim de receber Caso nominativo, os complementos das posposições também se deslocam para uma posição de especificador de uma categoria funcional acima de PP, com o intuito de checar o Caso oblíquo. Rotulo, provisoriamente, esta categoria funcional de KP, conforme a estrutura arbórea delineada a seguir:



Note, em (15a) abaixo, que a estrutura dos PPs em Tenetehára apresenta a ordem [COMPL [X°]], diferentemente do que acontece com a ordenação sintática dos PPs em línguas românicas e germânicas, por exemplo, as quais apresentam a distribuição sintática [X° [COMPL]]. Estas diferentes ordenações são reflexo do fato de o núcleo F° no domínio funcional do PP, em Tenetehára, possuir um traço EPP, que obriga o movimento visível do complemento para posição de Spec-PP antes de *spell-out*. Isto permite propor que a derivação da estrutura sintática do sintagma *ita r-ehe* “na pedra”, em (15a), seja derivada como mostrado em (15b).

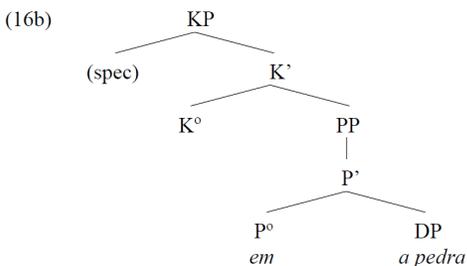
(15a) u-zar awa [_{pp} **ita** **r-ehe**] a'e
 3-encostar homem pedra C-em 3SG
 “O homem encosta na pedra”



Em relação à ocorrência dos prefixos relacionais $\{r- \sim \emptyset-\}$ e $\{h- \sim i-\}$ nas posposições, Duarte (2002, 2007) assume que sua função pode ser interpretada como sendo consequência da atribuição de Caso abstrato operando entre um núcleo funcional e um DP que esteja em seu domínio de c-comando. Assim sendo, acompanhando o essencial da proposta de Duarte (2002, 2007), adotarei aqui a teoria segundo a qual a flexão relacional emerge como corolário da relação sintática estabelecida entre o núcleo P° e o complemento movido para a posição de Spec-KP, numa relação Spec-Head. Em suma, a ocorrência desses prefixos pode ser vista como o reflexo, na sintaxe visível, do movimento do DP da posição sintática de complemento de PP para a posição de Spec-KP.

Tal situação não ocorre nas línguas românicas, uma vez que o núcleo de KP não aciona nenhuma flexão relacional nenhuma marca de concordância nas adposições. Assim, em português, o traço de Caso oblíquo é valorado/apagado à distância, conforme o princípio de economia *Procrastinate*, e o DP complemento de P° permanece *in situ* nos sintagmas preposicionais, como mostra o exemplo (16a) abaixo e sua respectiva estrutura arbórea (16b):

(16a) O homem encosta [_{PP} **na pedra**]



Em síntese, minha hipótese é a de que o engatilhamento da flexão relacional em Tenetehára sinaliza a valoração do Caso Oblíquo aos DPs complementos, que se movem para Spec-KP, o que não ocorre, por exemplo, em português. Nesta linha de investigação, assumo que em Tenetehára, o licenciamento do DP na estrutura do PP é vinculado à atribuição de Caso estrutural, situação em que

Caso e concordância estão associados. Na próxima subseção, apresento minha hipótese de como opera o mecanismo de checagem de traços, resultando tanto em movimentos sintáticos quanto no acionamento da morfologia relacional de contiguidade no interior dos PPs na língua em análise.

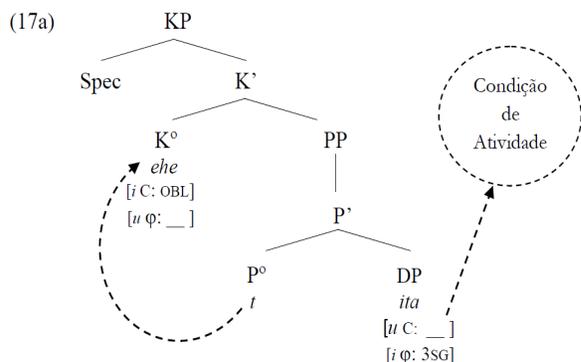
5. Acionamento da morfologia relacional de contiguidade

Chomsky (1981) propõe o Princípio da Projeção (*Projection Principle*), estabelecendo que as propriedades de seleção de um núcleo lexical devem ser preservadas (realizados) em cada nível de representação gramatical, ou seja, DS, SS e LF (estrutura profunda, estrutura superficial e LF, respectivamente).

Porém, Chomsky (1982) agrega o Princípio de Projeção à especificidade de que as orações devem ter sujeito, renomeando o princípio como o EPP (Princípio de Projeção Estendido - *Extended Projection Principle*). Ademais, Chomsky (1995:232) afirma que “o Princípio de Projeção Estendido (EPP), plausivelmente, reduz-se a um traço D-forte de I”¹¹.

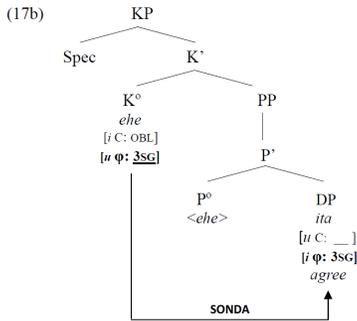
Além disso, Chomsky (2000) atualiza ainda mais esta definição afirmando que o EPP é o requerimento de que certos núcleos funcionais devem ter especificador. Neste sentido, avento a hipótese de que em Tenetehára, o núcleo funcional K^o abriga um traço EPP, exigindo que o DP complemento de P^o se mova para a posição de especificador de K^o com o objetivo checar traços de Caso oblíquo.

A seguir, passo a descrever pormenorizadamente a derivação sintática de atribuição da morfologia de contiguidade aos PPs em Tenetehára. Observe que, em (17a), a posposição *ehe* se desloca de P^o para K^o com o objetivo de se completar morfologicamente. Note o feixe de traços no núcleo posposicional P^o (=K^o), a saber: ([iC: OBL]; [uφ: __]) e os respectivos traços combinantes ([uC: __]; [iφ: 3SG]) no DP complemento de P^o. Repare, ademais, que o requerimento “Condição de Atividade” é satisfeito pelo traço de Caso oblíquo não interpretável [uC] que o DP *ita* “pedra” carrega.

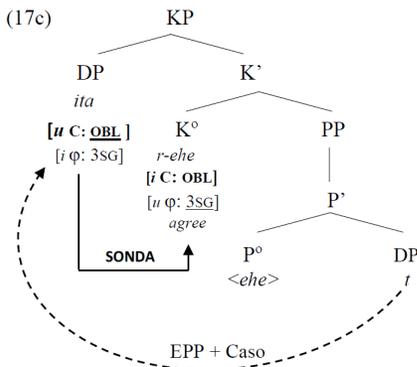


11 “the Extended Projection Principle (EPP) plausibly reduces to a strong D-feature of I.” (Chomsky 1995:232).

Perceba que, em (17b), a sonda F^o *ehe* “em” busca o alvo DP *ita* “pedra” de modo a poder valorar seus traços-φ não interpretáveis e não valorados [*uφ*: ___] numa relação de c-comando. Assim, logo que a relação de *agree* é estabelecida, os traços φ da sonda K^o são valorados, conforme a seguir.

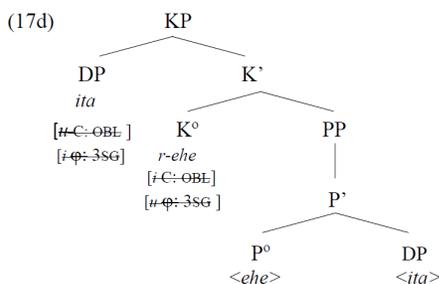


A derivação prossegue com o DP *ita* “pedra” se movendo para Spec-F^o a partir da posição de complemento do núcleo P^o, a fim de checar seu traço de Caso oblíquo não interpretável [*uC*]. Note que o traço EPP no núcleo K^o obriga que esta checagem seja via movimento e não à distância com este DP *in situ*. Nesse sentido, aqui, o Princípio Procrastinar não opera. Em K^o, ocorrerá o *Spell-out* da morfologia de atribuição de Caso abstrato nos termos de Duarte (2002, 2007). Mais precisamente, note que o prefixo {*r-*} emerge como subproduto da relação sintática de valoração de Caso oblíquo estabelecida entre o núcleo F^o e o complemento de P^o movido para a posição de Spec-KP, em uma relação Spec-Head. Observe abaixo a configuração arbórea abstrata delineada em (17c), que permite visualizar, de forma mais clara, a checagem de traços (*Agree*) e o acionamento da morfologia relacional de contiguidade.



Note, a seguir, que, ao final da derivação em (17d), todos os traços não interpretáveis e não valorados são valorados e apagados, conforme estipula o

Princípio da Interpretação Plena (Chomsky 1995:131).



Após a proposta de aplicação do quadro teórico assumido neste artigo, apresento a seguir as considerações finais.

6. Considerações Finais

Neste artigo, investiguei teoricamente a morfologia relacional de contiguidade que emerge nas adposições em Tenetehára (Tupí-Guaraní). Conforme Duarte (2007), a morfologia relacional pode ser sistematizada da seguinte forma: (i) os prefixos { \emptyset - ~ r -} indicam a contiguidade do complemento em relação ao seu predicador, enquanto os prefixos { i - ~ h -} indicam a não contiguidade desse complemento; (ii) as posposições que se iniciam com consoante recebem os prefixos { \emptyset - ~ i -} e as posposições que começam com vogal engatilham os prefixos { r - ~ h -}. Descrevi, de acordo com Kayne (1994), o pressuposto teórico de que há apenas uma ordem básica dos constituintes nas línguas naturais, a saber: SVO. Assim, as outras ordens são alcançadas por meio de movimento de constituintes. A partir desta premissa, as preposições seguem a ordem básica, núcleo-complemento, e as posposições são o resultado de uma ordem derivada com o movimento do seu complemento para uma posição acima do núcleo, no especificador de um sintagma o qual rotulei provisoriamente como KP. Ademais, apresentei como ocorre o mecanismo de checagem de traços formais de acordo com Chomsky (1995, 1999, 2000, 2001, 2005). Adicionalmente, teçi considerações acerca da flexão relacional que emerge como subproduto da relação sintática estabelecida entre a posposição no núcleo K° e o complemento movido para a posição Spec-KP. Finalmente, formulei minha hipótese sobre o modo como opera o mecanismo de checagem de traços que resulta em movimentos sintáticos e o acionamento da morfologia relacional de contiguidade no interior de sintagmas posposicionais em Tenetehára.

Referências

Cabral, Ana Sueli Arruda C. “Prefixos Relacionais na família Tupí-Guaraní”. 2001. In: M.E. (org). *Boletim da ABRALIN*. Fortaleza: Imprensa Universitária/UFC, no25, p. 213-226.

- Camargos, Quesler F. 2017. *Aplicativização, causativização e nominalização: uma análise unificada de estruturas argumentais em Tenetehára-Guajajára (Família Tupí-Guaraní)*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais.
- Camargos, Quesler F., e Ricardo C. Castro. 2013. “Paralelismo entre DP e CP a partir das nominalizações na língua Tenetehára.” *Revista da ANPOLL* 34: 393-434.
- Castro, Ricardo C. 2017. *Morfossintaxe Tenetehára (Tupí-Guaraní)*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais.
- Chomsky, Noam. 1981. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris.
- Chomsky, Noam. 1982. *Some concepts and consequences of the theory of government and binding*. Cambridge: MIT Press.
- Chomsky, Noam. 1995. *The Minimalist Program*. Cambridge, MIT Press.
- Chomsky, Noam. 1999. *Derivation by phase*. Cambridge, MIT Press.
- Chomsky, Noam. 2000. “Minimalist inquiries: The framework.” In *Step by step: Essays on minimalist syntax in honor of Howard Lasnik*, editado por R. Martin, D. Michaels e J. Uriagereka, 89-115. Cambridge, MIT Press.
- Chomsky, Noam. 2001. “Derivation by phase.” In *Ken Hale: A life in language*, editado por M. Kenstowicz, 1-52. Cambridge, MIT Press.
- Chomsky, Noam. 2005. “Three factors in language design.” *Linguistic Inquiry* 36 no. 1 (Winter): 1-22.
- Duarte, Fábio B. 2002. “Negação e movimento do verbo na língua Tembé.” In *Atas do Encontro internacional do GT de Línguas Indígenas da ANPOLL*, Belém, 2002, 374-384. Belém: Universidade Federal do Pará.
- Duarte, Fábio B. 2007. *Estudos de morfossintaxe em Tenetehára*. Belo Horizonte: FALE/UFMG.
- Hornstein, Norbert, Jairo Nunes, e Kleantes K. Grohmann. 2005. *Understanding minimalism: an Introduction to Minimalist Syntax*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Kayne, Richard S. 1994. *The antisymmetry of Syntax*. Cambridge: The MIT Press.
- Kenedy, Eduardo. 2013. *Curso básico de linguística gerativa*. Editora Contexto: São Paulo.
- Mithun, Marianne. 2017. “Argument marking in the polysynthetic verb and its implications.” In *The Oxford Handbook of Polysynthesis*, editado por Michael Fortescue, Marianne Mithun e Nicholas Evans, 30-58. Oxford: Oxford University Press.
- Rodrigues, Aryon D. 1953. “Morfologia do Verbo Tupi”. *Letras*, Curitiba, n. 1, p. 121-152.
- Rodrigues, Aryon D. 2011. “Argumento e predicado em Tupinambá”. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 3, n. 1, p. 93-102.
- Silva Filho, Jomson T. (2018). *Linearização e hierarquia no sistema computacional da linguagem humana, retomando o paradoxo posicional a partir do programa*

minimalista. 143 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística: Linguística) - Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió.

Young, Robert W., e William Morgan. 1980. *The Navajo Language: A Grammar and Colloquial Dictionary*. Albuquerque: University of Mexico Press.